

**O contemporâneo e arte contemporânea:  
considerações a partir de um processo poético**

*The contemporary and contemporary art:  
considerations from a poetic process*

Rogério Tubias SCHRAIBER<sup>1</sup>  
Reinilda de Fátima Berguenmayer MINUZZI<sup>2</sup>

**Resumo**

Neste artigo temos por objetivo discutir o contemporâneo e a arte contemporânea a partir de um processo criativo sobre autorretrato, cuja proposta é a subversão do embelezamento falsificado das *selfies* que invadem as redes sociais, mediante o uso extrapolado de máscara de argila e de recursos pós-fotográficos. O aporte teórico embasa-se em Danto (2015), quanto ao conceito de embelezamento, além de Ruffel (2014) e outros autores que discutem questões mais específicas acerca do contemporâneo, da arte contemporânea e da pós-fotografia. Metodologicamente, o processo poético guia-se pelas três dimensões propostas por Rey (2002). Como resultado, desenvolvemos uma série de autorretratos que revelam uma “beleza feia”, mediante a transfiguração do rosto, e que permite apontar relações entre a pós-fotografia e o contemporâneo na arte. Conclusivamente, entendemos que o contemporâneo é o que existe no presente e possível de ser potência criativa ao processo poético.

**Palavras-chave:** Contemporâneo. Arte contemporânea. Autorretrato. *Selfie*. Embelezamento.

**Abstract**

In this article, we aim to discuss the contemporary and contemporary art from a creative process on self-portrait, whose proposal is the subversion of the fake embellishment of selfies that invade social networks, through the extrapolated use of clay mask and post-photographic resources. The theoretical contribution is based on Danto (2015), regarding the concept of embellishment, in addition to Ruffel (2014) and others authors who discuss more specific issues about the contemporary, contemporary art and post-photography. Methodologically, the poetic process is guided by the three dimensions proposed by Rey (2002). As a result, we developed a series of self-portraits that reveal “ugly beauty”, through the transfiguration of the face and that allow us to point out relations between

---

<sup>1</sup> Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq-UFSM. E-mail: rgartt@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia de Produção/Gestão do Design pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006). Professora Associada do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Design CNPq-UFSM. E-mail: minuzireinilda@gmail.com

post-photography and the contemporary in art. Conclusively, we understand that the contemporary is what exists in the present and possible to be a creative power to the poetic process.

**Keywords:** Contemporary. Contemporary art. Self-portrait. Selfie. Embellishment.

## Introdução

Como desdobramento de uma pesquisa em poéticas visuais, em nível de doutorado, ainda em desenvolvimento em um programa de pós-graduação em Artes Visuais, apresentamos algumas considerações acerca do que pode ser o contemporâneo em uma série de autorretratos criados a partir de *selfies* realizadas durante aplicações extrapoladas de máscara de argila para tratamento facial. O processo criativo é embasado no conceito de ‘embelezamento’, de Danto (2015), e tem por objetivo a sua subversão como uma resposta satirizada à beleza de consumo imposta pelo fenômeno contemporâneo das *selfies* ao resultar em uma ‘beleza feia’ na forma de um rosto transfigurado.

Além da subversão da aplicação da máscara de argila, o uso de recursos digitais pós-fotográficos de aplicativos de edição específicos, que permitem a *selfie* em suas múltiplas possibilidades de embelezamento, também é subvertido visando uma aparência transfigurada e disforme. Para tanto, embasamos o desenvolvimento do processo criativo nas três dimensões conforme propostas por Rey (2002), sendo, respectivamente, a dimensão abstrata, a dimensão prática e a dimensão da obra em processo. Esse procedimento desperta a reflexão sobre o autorretrato no contexto da arte contemporânea e no contexto contemporâneo das *selfies* de beleza idealizada e falsa.

Inicialmente, o termo ‘contemporâneo’, no minidicionário da língua portuguesa, é definido como “aquilo que é do nosso tempo, atual, moderno (BUENO, 2000, p. 193). Possui origem no latim medieval, *contemporaneus*, que significa “do mesmo tempo”, sendo a coexistência de coisas, a copresença ou convivência de pessoas em uma mesma época; um conceito histórico e com uma história, resultante de uma criação que tem a sua própria história e não apenas um simples adjetivo qualificador de sujeitos, de objetos ou de uma época (RUFFEL, 2014).

Para uma melhor apresentação da argumentação defendida, dividimos este artigo em mais três sessões para além desta introdução. A segunda parte trata do embasamento

teórico, contando com Agambem (2009), Ruffel (2014) e Brito (1980) para a discussão do que é o contemporâneo na relação com o próprio tempo e tempos passados, como tempo de transformação, ação e origem das coisas, como modo de ser no tempo, como rupturas modernistas e como um outro novo; e com Archer (2001), Cauquelin (2005), Cocchiarale (2006) e Mammì (2012) para uma conceituação acerca da arte contemporânea. Na terceira sessão descrevo o procedimento metodológico do processo criativo realizado. Nas sequências, apresentamos alguns autorretratos que integram a série denominada Entre Rostos, como resultados parciais desta pesquisa, que revelam uma “beleza feia” mediante a transfiguração do rosto e sua relação com a pós-fotografia e o contemporâneo na arte. Nas considerações finais, traçamos alguns apontamentos acerca do contemporâneo como aquilo que existe no agora apresentando-se como potência criativa dentro do processo poético.

### **O contemporâneo e uma relação com a arte contemporânea**

As discussões entorno do contemporâneo são bem mais profundas e complexas do que apenas entendê-lo como o tempo atual, pois ele permite falar do presente e da arte que nele é feita. Essa arte assume características que surgem dos meios, ou da escuridão, como diria Agambem (2009), do próprio tempo presente. O contemporâneo é o tempo atual que permite ver o passado com distanciamento, mas que não permite ver a si próprio com o mesmo distanciamento. Ele é itinerante, deslocando-se para o passado conforme a passagem do tempo, condição para que seja entendido pelo distanciamento, mas quando isso ocorre já não é mais contemporâneo, sendo renomeado como um determinado período da História. É impossível manter distanciamento temporal do contemporâneo.

Agambem (2009, p. 59) nos fala que o contemporâneo “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”. Para esse autor quando alguém não consegue manter o olhar fixo na época em que vive, adere perfeitamente a ela, não sendo contemporâneo. Para sê-lo é preciso fixar o olhar no seu tempo e ver a sua escuridão, sem se deixar cegar pelas luzes, precisa ser capaz de interpelar essa escuridão do presente, procurando em seu meio uma luz que nunca alcançará (AGAMBEM, 2009). É o tempo da ação, do fazer, da origem, das coisas que só podem acontecer no presente, tempo que pode ser transformado e, também, relacionado com tempos passados no intuito de, no agora, compreender suas trevas. Isso

significa que a escuridão do contemporâneo só receberá luz no futuro, quando o sujeito contemporâneo estiver distanciado dela e confrontando-se com uma nova escuridão.

Desse modo, a contemporaneidade seria como uma cotemporalidade, ou seja, uma concordância de vários tempos históricos, não sendo o presente uma sequência temporal, mas um ponto de processamento (ou de encontro) de todos os passados e futuros (RUFFEL, 2014). Por isso, o contemporâneo dialoga com outras categorias, como o antigo, o clássico ou o moderno, mas a sua diferença em relação aos momentos passados é que nele a ação e a transformação ainda são possíveis. Tudo ainda é possível. Isso é uma especificidade da contemporaneidade. No passado não mais, porque o que aconteceu não abrange mais tudo aquilo que ainda poderia ser feito ou acontecido. Esse ‘poderia’ não tem mais potência de ação no passado, somente no contemporâneo.

Por isso, para Ruffel (2014), o contemporâneo se volta ao passado e resgata interesses, sendo uma relação com o tempo histórico e a atualidade, qual seja a época, ou seja, é um modo de ser no tempo e de “ser com o tempo”, seguindo a sua corrente, ocupando-a para poder reconfigurá-la. Isso caracteriza uma experiência contemporânea do tempo, justamente o que designa o termo contemporâneo. Em meio a essa experiência “o contemporâneo resulta de um conjunto de discursos que se cruzam, que respondem uns aos outros, que se superpõem e que se diferenciam” (RUFFEL, 2014, p. 10).

O contemporâneo “marca uma série de transformações importantes que dialetizam certos princípios da modernidade ao mesmo tempo em que recusam os fundamentos da consciência moderna” (RUFFEL, 2014, p. 7). Cremos que, assim, a passagem do moderno ao contemporâneo se deu por meio de transformações que afetaram o mundo, sendo o contemporâneo o que há de mais moderno no presente (no sentido de mais atual, não de Moderno ou Modernismo). Na arte essas transformações tiveram origem nas vanguardas artísticas.

Segundo Brito (1980), como advento das vanguardas do início do século XX, a arte passou a ser tudo e qualquer coisa, desvinculando-se de qualquer princípio formal base, o que tornou a arte estranha e caracterizou a Modernidade com uma disponibilidade absoluta, parecendo possível fazer de tudo e com tudo. Para o referido autor, a arte contemporânea não acata mais a ação modernista assim como era, mas a assimila e a recupera, ou seja, o contemporâneo analisa e interpreta para transformar no agora, pois a modernidade lutava contra os valores do século XIX, não se atendo as consequências dos valores que gerava. É o contemporâneo que se preocupa com isso porque, composto por

“um “amontoado” de teorias coexistindo em tensão, ora convergentes, ora divergentes”, cria a História de um Outro Novo, embora não exista uma Teoria da Contemporaneidade (BRITO, 1980, p. 207).

O contemporâneo trabalha sobre as rupturas modernistas, tentando elucidá-las e rompê-las no intuito de descobrir o que fazer quando tudo já foi feito. Isso faz o contemporâneo agir em meio às incertezas, sendo o seu material “a reflexão produtiva sobre a história ainda viva, pulsante, da obra moderna” (BRITO, 1980, p. 211). Diante disso, a arte contemporânea precisa achar seu sentido nas leituras contraditórias e nas idas e vindas do contemporâneo e, no meio disso, “produzir trabalhos que tenham a clara inteligência da cisão que ao mesmo tempo os constitui e separa de si mesmos. Nesse sentido, sobretudo a nova arte está condenada à reflexão: traz consigo (...) seu próprio absurdo, a dúvida sobre si mesma”, e, por isso precisa pensar o impensável, fabricar o infabricável, ainda que isso aconteça dentro dos limites impostos pela realidade da “criação” (BRITO, 2019, p. 2012). Também concorda Ruffel (2014, p. 22) que “o contemporâneo foi objeto de uma invenção e de uma fabricação”, cujas coisas produzidas no presente nos afetam diretamente.

No sentido do impensável e do infabricável, a arte contemporânea se caracteriza pela aceitação de diversos materiais, procedimentos e modos de apresentação das obras. A esse respeito, Archer (2001, s/p) diz que “não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material em arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas”. Para Mammì (2012, p. 21) “a diferença entre a arte contemporânea e a arte do passado é que a arte contemporânea pressupõe, em tese, que qualquer coisa possa ser considerada arte”, o que coaduna com o autor anterior quanto com Brito (1980) ao afirmar que tudo pode ser feito com tudo.

Cauquelin (2005) defende que o que encontramos, atualmente, no domínio da arte é mais uma mistura de diversos elementos e que os valores das artes moderna e contemporânea estão lado a lado, constituindo dispositivos complexos, instáveis, maleáveis que se mantêm em transformação. A autora supracitada procura construir um entendimento para a arte contemporânea da segunda metade do século XX, a qual ainda não dispõe de um tempo de constituição dada à proximidade com o tempo em que vivemos. Archer (2001) também apresenta uma visão da evolução da arte nas últimas quatro décadas do século XX, explorando a relação da arte com a vida cotidiana ao

perpassar por diversos períodos artísticos, como a Pop Art e o Minimalismo, e tratar de vários artistas significativos, como Endy Warhol e Beuys.

Cocchiarale (2006) discute a arte contemporânea como uma arte que se esparramou para além do campo especializado construído pelo modernismo e que busca uma interface com quase todas as outras artes e com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte, mas abrangente demais e muito próxima da vida. Para Paviani (2003) a arte contemporânea perpassa pela subjetividade e não se contenta em apenas observar o real, pois o decompõe e o reorganiza em um novo objeto ou realidade. É nessa perspectiva que seguem os autorretratos da série Entre Rostos, quando tentamos decompôr, ou transformar, o fenômeno das *selfies* em um novo objeto de produção artística para gerar uma nova realidade à *selfie*.

### **Procedimento metodológico**

Enquanto a *selfie* procura exibir a melhor beleza possível do rosto, escancarando o caráter narcisista das pessoas, propomos uma subversão da sua beleza idealizada ao buscar por uma “beleza feia”, mediante a transfiguração do rosto por intermédio da aplicação extrapolada da máscara de argila e das possibilidades digitais da pós-fotografia.

No decorrer do processo, levamos em consideração as três dimensões de Rey (2002), sendo a dimensão abstrata – com o desenvolvimento de ideias, esboços, anotações e pequenos projetos que, mais tarde, se tornaram obras; a dimensão prática - com o desenvolvimento de procedimentos, manipulações técnicas ou operacionais e interfaces com processos tecnológicos atuais; e a dimensão da obra em processo - que se conecta com tudo aquilo que é relacionado ao conhecimento, envolvendo conceitos e teorias.

As etapas do processo poético envolveram, em primeiro, a realização de *selfies* durante sessões de aplicação de máscara de argila que, depois, foram acumuladas em galerias para servir como matéria-prima, além de alguns experimentos com sobreposições dessas *selfies* em aplicativos e softwares de edição de imagem (dimensão abstrata).

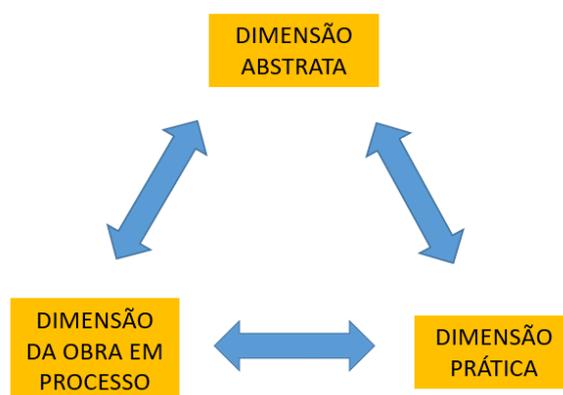
Em segundo, desenvolvemos um extravasamento no modo da aplicação da argila, agora misturada com tinta, além de encenações de expressões faciais e ‘caretas’ no momento de clicar a *selfie* e da intensificação dos tratamentos e efeitos pós-fotográficos dos recursos dos aplicativos de edição de imagem. Isso permitiu um desenvolvimento mais elaborado das sobreposições, levando em conta as ideias iniciais surgidas na

dimensão anterior. Com esse procedimento foi possível subverter tanto o uso da máscara de argila como o das ferramentas de embelezamentos dos aplicativos digitais. Assim, acentuamos ainda mais a transfiguração e o aspecto grotesco do rosto já iniciados com a aplicação da mistura de argila e tinta e com as expressões faciais (dimensão prática).

Na terceira etapa realizamos estudos e leituras, estabelecendo relações com o processo poético e com os objetivos propostos, a partir de autores como Rey (2002), em relação à metodologia a ser utilizada, Danto (2015), quanto ao conceito de embelezamento como principal elemento embasador desta pesquisa, além dos autores, já citados anteriormente, sobre o contemporâneo e arte contemporânea e de outros que, na sequência deste texto, versam sobre a pós-fotografia. Em resumo, esta etapa do processo trata do aporte e embasamento teórico da pesquisa (dimensão da obra em processo).

Para um melhor entendimento por parte do leitor, optamos por apresentar essas três dimensões dentro de uma ordem sequencial e didática. Mas é necessário salientar que, ao longo do processo, nem sempre acontecem linearmente, podendo ser ao mesmo tempo ou em um constante ‘ir e vir’ entre si (como representado no esquema da Figura 1), o que permite ao artista trabalhar um pouco dentro de cada dimensão em função das demandas, das transformações, do amadurecimento de ideias ou do surgimento de novas.

**Figura 1:** Esquema síntese do processo criativo.



Fonte: Os autores, 2022.

Na sessão seguinte, discutiremos acerca do que vem a ser o contemporâneo nos autorretratos desenvolvidos em decorrência desse procedimento metodológico.

## O contemporâneo no autorretrato

O embelezamento é um procedimento que tem o propósito de embelezar pessoas, coisas ou ambientes, conforme proposto por Danto (2015). No entanto, é com base na subversão desse conceito que criamos um rosto grotesco e disforme como uma “beleza feia”, na qual apresentamos o referente do artista como um ‘eu transfigurado’. A transfiguração é o que revela a “beleza feia”.

A máscara de argila é usada com o propósito de melhorar a aparência da pele facial a longo prazo. Disso, nos interessa o momento da sua aplicação, quando o rosto fica transformado, feio e repulsivo, estando situado em um ‘entre’ depois do rosto limpo e antes do supostamente mais belo em função de um possível efeito da argila. É, inclusive, desse ‘entre’ que origina o título *Entre Rostos*, e onde encontramos a potência criativa ao vê-lo como uma brecha de luz que, em meio a escuridão, apresenta referências e possibilidades. Percebemos, então, o próprio processo poético como um ‘entre’ fortemente conectado com essa potência criativa e o contemporâneo como essa fresta de luz que aponta soluções e alternativas para além da convencionalidade dos modos operatórios dos processos criativos.

A máscara de argila, em princípio, não é material artístico, mas misturada à tinta e aliada à subversão do embelezamento e às tecnologias pós-fotográficas da *selfie* torna-se porque ultrapassa a convencionalidade. A *selfie* é um fenômeno da era pós-fotográfica, consequência da web 2.0, e é a pós-fotografia que faz da série *Entre Rostos* arte contemporânea. Esse fenômeno está transformando e ampliando as possibilidades de criação dentro do gênero autorretrato, processo que já havia iniciado com o surgimento da fotografia analógica e que, agora, toma impulso com a pós-fotografia, mediante a popularização da imagem de si.

A *selfie* é feita por um dispositivo conectado à rede e deve ser publicada logo em seguida, o que caracteriza a sua especificidade pós-fotográfica. Desse modo, Torezoni (2020, p. 3), argumenta que por ser um “gênero fotográfico delineado no século XXI, a *selfie* tem sua própria episteme, integra as questões sociais e tecnológicas que a torna uma criação com uma específica intencionalidade”. Outros autores, como Santaella e Nöth (2001), afirmam que o pós-fotográfico resulta da união entre o computador e uma tela de vídeo (invenções tecnológicas), correspondendo à imagens transformadas a partir de manipulações digitais e visualizadas em uma tela. Isso significa que a pós-fotografia não

fica restrita apenas à *selfie*, mas amplia-se à inúmeras imagens criadas conforme tal, embora nesta pesquisa, em específico, o destaque seja a imagem pós-fotográfica de si.

Fontcuberta (2016) considera que, com o advento da pós-fotografia e suas possibilidades de criar imagens, as pessoas podem recriar e administrar a sua própria aparência, conforme a vontade ou o interesse. É nessa perspectiva que transfiguramos a aparência nos autorretratos da série *Entre Rostos*, sendo essa uma oportunidade em que dispomos de total liberdade para recriar e transformar a imagem do rosto dentro de uma subversão que contraria a imagem de si falsamente idealizada, assim como vemos nas imagens da Figura 2.

Os recursos pós-fotográficos criam, deformam, manipulam, desfiguram e transfiguram a aparência real do rosto, ações que exteriorizam um outro ‘eu’ que faz referência àquilo que não se vê, mas existe interiorizado e camuflado na transfiguração da aparência. É a exteriorização de um ‘eu transfigurado’ que revela a “beleza feia” e institui significado ao autorretrato na contemporaneidade da *selfie*.

**Figura 2:** Autorretratos da série *Entre Rostos*. Dimensões variadas. 2022.





Fonte: Os autores.

Na série *Entre Rostos* a ideia de criar uma “beleza feia” advém do consumo das imagens narcísicas que são as *selfies*. Essas fotografias fomentam o desejo por uma beleza que é posta como uma mercadoria possível de ser adquirida por qualquer pessoa, porque é uma beleza falsa, criada por meio de tecnologias pós-fotográficas que “embelezam” a fotografia do rosto, não o rosto. Isso é contemporâneo e o que pretendemos é ingressar nele, fazendo uma crítica a esse embelezamento fajuto por meio da aplicação extrapolada da máscara de argila, como uma espécie de maquiagem subvertida, e por meio dos recursos pós-fotográficos dos aplicativos de edição de *selfie*, como uma segunda camada de maquiagem sobre a primeira.

A sobreposição nos autorretratos, composta pelo acúmulo das camadas de argila com tinta, das camadas de *selfies* e dos efeitos digitais, como uma última camada de maquiagem, são operações de repetição que remetem a um eterno retorno do novo, à reflexão desse novo no contemporâneo e como apresentá-lo em autorretratos que já não se resolvem mais na convencionalidade de uma tela que só recebe tinta. Esse novo é diferente, ele pertence ao digital, ao pós-fotográfico, pois advém das redes sociais estruturadas por algoritmos, sendo um fenômeno específico do contemporâneo que vivo. É uma nova maneira que solicita um novo tipo de ação porque, hoje, temos outros modos de ver, fazer, ser e interagir. É nisso em que estamos inseridos e onde inserimos a criação dos autorretratos como uma consequência do ineditismo trazido pelo pós-fotográfico.

Mas em meio ao novo contemporâneo há uma relação com tempos passados. A aplicação da argila, por exemplo, assume um aspecto que remete a estética das pinturas

impressionistas. Quando percebo a marca da pincelada nessas obras vejo, no rosto enlameado, uma relação com aquele estilo pictórico e isso nos recorda Mammì (2012) quando afirma que a arte contemporânea, como um processo continuamente renovado de autoformação, leva à repetição compulsória de alguns procedimentos técnicos que acabam caracterizado a personalidade do artista. E ainda podemos nos remeter a Brito (1980, p. 209) porque diz que “a contemporaneidade artística lembra um simples *Espaço de Repetição*”, mas não que repetir seja simples ou uma simples cópia, mas o contemporâneo trata de uma reinterpretação que transforma os valores passados em novos valores.

Encontramos, também, outro exemplo nas vanguardas artísticas, quando no Dadaísmo o pensamento dos artistas se guiava pela ruptura de padrões normativos para atingir uma transformação dentro da arte. Os dadaístas foram contemporâneos com o *ready-made*, assim como hoje somos contemporâneos com a subversão da *selfie* e das suas tecnologias pós-fotográficas. Não é o Impressionismo nem a apropriação de algum objeto sendo copiados nos autorretratos criados, mas a construção do contemporâneo dentro do contemporâneo, lançando o olhar no passado a fim de resgatar referenciais, transformá-los em potência criativa por meio da fenda de luz que hoje visualizamos para, então, proceder a reinvenção, tanto da arte como de nós mesmo.

### Considerações finais

O contemporâneo é a época em que a arte e todas as coisas estão sendo feitas e acontecendo, é o tempo da origem, da ação e da criação dessas coisas. É o tempo em que o novo “supera” o novo das épocas passadas, mas sem deixar de considerar no *novo novo* o novo anterior. Isso permite entender situações como, por exemplo, a do fenômeno das *selfies* que, pertencendo a pós-fotografia, possui algo mais que a fotografia. Isso é específico do contemporâneo e torna contemporânea a série *Entre Rostos* ao realizar uma espécie de releitura da *selfie*, transformando os modos operatórios do fazer artístico e da apresentação do autorretrato.

Nessa releitura o embelezamento é subvertido e se desvincula do seu mero sentido de melhorar a aparência, o que atribui à subversão um papel de peso, fazendo a transição de um hábito convencional, banal e instituído no cotidiano para a instância de referencial criativo. A “beleza feia”, emergida disso, faz pensar a beleza passageira e falsa da

infinidade de *selfies* publicadas, de modo bastante automático, nas redes sociais como potência criativa no desenvolvimento do autorretrato por meio das tecnologias pós-fotográficas de edição e recriação da imagem de si, inserindo-o no contexto da arte contemporânea.

Todavia, a releitura da *selfie* realizada durante o processo poético não deixa de ser uma repetição daquilo que já aconteceu ao longo da História da Arte, assim como exemplificado com o Impressionismo e o Dadaísmo. Em ambos os casos, e na série *Entre Rostos*, houve a subversão da usabilidade, do contexto e da convencionalidade das ações e recursos empregados. Ou será a convencionalidade do contemporâneo fazer justo aquilo que não é convencional?

Há um novo a cada momento que busca rupturas com o novo anterior, o que leva a entender que o fenômeno do novo é o que sempre se repete nos diferentes tempos contemporâneos. Logo, o contemporâneo significa o diferente a cada época, a cada tempo presente ao longo da História, assim como Ruffel (2014) afirma haver tantos momentos históricos que foram contemporâneos um após o outro. O contemporâneo se dá, então, como repetição e, como tal, existe agora diante de nós como a era pós-fotográfica, em que *selfies* se proliferam, infestam o cotidiano e alimentam o repertório dos artistas com ideias novas de criação, transformação e apresentação da obra de arte. Ao aderirmos a isso na série *Entre Rostos*, visualizamos, na escuridão do contemporâneo, brechas de luz que fixam nosso olhar no tempo presente, não na sua convencionalidade ou monotonia, mas na sua potência de subversão e de transformação para além disso.

Por fim, é no contemporâneo, com tudo o que oferece, onde está a potência que faz pensar o impensável e o infabricável no modo de criação do autorretrato em diálogo com os hábitos atuais de uma vida cotidiana conectada, narcisista e compartilhada no universo online das redes sociais. Mediante essas possibilidades da era pós-fotográfica, o contemporâneo faz pensar a circulação e exposição do autorretrato como um retorno-resposta às redes sociais, enquanto contexto de origem da *selfie* e enquanto subversão da sua beleza falsamente produzida.

### Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRITO, Ronaldo. O moderno e o contemporâneo (o novo e o outro novo). *In: Arte Brasileira Contemporânea – Caderno de Textos I*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980, p. 202-215.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Massangana, 2006.

DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza: a estética e o conceito de arte**. Tradução de Pedro Sussekind. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

FONTCUBERTA, Joan. **Dança sélfica**. Revista ZUM online: IMS, 2016. In: <http://revistazum.com.br/revista-zum-11/danca-selfica/>. Acesso em 29 nov. 2022.

MAMMÌ, Lorenzo. **O que resta: arte e crítica de arte**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

PAVIANI, Jayme. **Estética mínima**. Porto Alegre: Ed. EDIPUCRS, 2003.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

RUFFEL, Lionel. Zum-Zum-Zum: estudo sobre o nome contemporâneo. **Celeuma**, São Paulo, v. 2, n. 4 (maio/2014): Contemporâneo hoje, p. 3-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2318-7875.v2i4p3-23>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

TOREZANI, Julianna Nascimento. Os Autorretratos de Cindy Sherman no Instagram. In: **III Grão Fino: Semana de Fotografia (Online)**. Campina Grande, PB, 26 a 30 de Outubro de 2020. Disponível em: <<https://graofinofoto.com.br/wp-content/uploads/2020/12/GT2art1.autorretratoinstagram.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2022.